

A VIDA
PASSADA A LIMPO
**CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE**

The lower half of the cover features a large, abstract graphic. It consists of several thick, horizontal stripes in a dark navy blue color, alternating with lighter, off-white or beige stripes. The stripes are of varying widths and are arranged in a way that suggests a stylized, modern architectural or nautical theme. The overall composition is clean and minimalist.



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



**CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE**
A VIDA PASSADA A LIMPO

POSFÁCIO

Luciano Rosa

Sumário

Poema-orelha

Nudez

Ar

Instante

Os poderes infernais

Leão-marinho

A um morto na Índia

A vida passada a limpo

Sonetos do pássaro

Tríptico de Sônia Maria do Recife

Procura

Os materiais da vida

Ciência

Especulações em torno da palavra homem

A Goeldi

Prece de mineiro no Rio

Pranto geral dos índios

Ciclo

Pacto

Véspera

A um bruxo, com amor

Inquérito

A um hotel em demolição

Posfácio

Mina de intelectões e de sentidos,

LUCIANO ROSA

Leituras recomendadas

Cronologia

Crédito das imagens

Índice de primeiros versos

A VIDA PASSADA A LIMPO

*Esta é a orelha do livro
por onde o poeta escuta
se dele falam mal
ou se o amam.*

*Uma orelha ou uma boca
sequiosa de palavras?
São oito livros velhos
e mais um livro novo
de um poeta inda mais velho
que a vida que viveu
e contudo o provoca
a viver sempre e nunca.
Oito livros que o tempo
empurra para longe
de mim*

*mais um livro sem tempo
em que o poeta se contempla
e se diz boa-tarde
(ensaio de boa-noite,
variante de bom-dia,
que tudo é o vasto dia
em seus compartimentos
nem sempre respiráveis
e todos habitados
enfim).*

*Não me leias se buscas
flamante novidade
ou sopro de Camões.
Aquilo que revelo
e o mais que segue oculto
em vítreos alçapões
são notícias humanas,
simples estar-no-mundo,
e brincos de palavra,
um não-estar-estando,*

mas de tal jeito urdidos
o jogo e a confissão
que nem distingo eu mesmo
o vivido e o inventado.
Tudo vivido? Nada.
Nada vivido? Tudo.
A orelha pouco explica
de cuidados terrenos:
e a poesia mais rica
é um sinal de menos.

NUDEZ

Não cantarei amores que não tenho,
e, quando tive, nunca celebrei.
Não cantarei o riso que não rira
e que, se risse, ofertaria a pobres.
Minha matéria é o nada.
Jamais ousei cantar algo de vida:
se o canto sai da boca ensimesmada,
é porque a brisa o trouxe, e o leva a brisa,
nem sabe a planta o vento que a visita.

Ou sabe? Algo de nós acaso se transmite,
mas tão disperso, e vago, tão estranho,
que, se regressa a mim que o apascentava,
o ouro suposto é nele cobre e estanho,
estanho e cobre,
e o que não é maleável deixa de ser nobre,
nem era amor aquilo que se amava.

Nem era dor aquilo que dóia;
ou dói, agora, quando já se foi?
Que dor se sabe dor, e não se extingue?
(Não cantarei o mar: que ele se vingue
de meu silêncio, nesta concha.)
Que sentimento vive, e já prospera
cavando em nós a terra necessária
para se sepultar à moda austera
de quem vive sua morte?
Não cantarei o morto: é o próprio canto.
E já não sei do espanto,
da úmida assombração que vem do norte
e vai do sul, e, quatro, aos quatro ventos,
ajusta em mim seu terno de lamentos.
Não canto, pois não sei, e toda sílaba
acaso reunida

a sua irmã, em serpes irritadas vejo as duas.

Amador de serpentes, minha vida
passarei, sobre a relva debruçado,
a ver a linha curva que se estende,
ou se contrai e atrai, além da pobre
área de luz de nossa geometria.
Estanho, estanho e cobre,
tais meus pecados, quanto mais fugi
do que enfim capturei, não mais visando
aos alvos imortais.

Ó descobrimento retardado
pela força de ver.
Ó encontro de mim, no meu silêncio,
configurado, repleto, numa casta
expressão de temor que se despede.
O golfo mais dourado me circunda
com apenas cerrar-se uma janela.
E já não brinco a luz. E dou notícia
estrita do que dorme,
sob placa de estanho, sonho informe,
um lembrar de raízes, ainda menos
um calar de serenos
desidratados, sublimes ossuários
sem ossos;
a morte sem os mortos; a perfeita
anulação do tempo em tempos vários,
essa nudez, enfim, além dos corpos,
a modelar campinas no vazio
da alma, que é apenas alma, e se dissolve.

AR

Nesta boca da noite,
cheira o tempo a alecrim.
Muito mais trescalava
o incorpóreo jardim.

Nesta cova da noite,
sabe o gesto a alfazema.
O que antes inebriava
era a rosa do poema.

Neste abismo da noite,
erra a sorte em lavanda.
Um perfume se amava,
colante, na varanda.

A narina presente
colhe o aroma passado.
Continuamente vibra
o tempo, embalsamado.

INSTANTE

Uma semente engravidava a tarde.
Era o dia nascendo, em vez da noite.
Perdia amor seu hálito covarde,
e a vida, corcel rubro, dava um coice,

mas tão delicioso, que a ferida
no peito transtornado, aceso em festa,
acordava, gravura enlouquecida,
sobre o tempo sem caule, uma promessa.

A manhã sempre-sempre, e docia stutos
eus caçadores a correr, e as presas
num feliz entregar-se, entre soluços.

E que mais, vida eterna, me planejas?
O que se desatou num só momento
não cabe no infinito, e é fuga e vento.

OS PODERES INFERNAIS

O meu amor faísca na medula,
pois que na superfície ele anoitece.
Abre na escuridão sua quermesse.
É todo fome, e eis que repele a gula.

Sua escama de fel nunca se anula
e seu rangido nada tem de prece.
Uma aranha invisível é que o tece.
O meu amor, paralisado, pula.

Pulula, ulula. Salve, lobo triste!
Quando eu secar, ele estará vivendo,
já não vive de mim, nele é que existe

o que sou, o que sobro, esmigalhado.
O meu amor é tudo que, morrendo,
não morre todo, e fica no ar, parado.

LEÃO-MARINHO

Suspendei um momento vossos jogos
na fimbria azul do mar, peitos morenos.
Pescadores, voltaí. Silêncio, coros
de rua, no vaivém, que um movimento

diverso, uma outra forma se insinua
por entre as rochas lisas, e um mugido
se faz ouvir, soturno e diurno, em pura
exalação opressa de carinho.

É o louco leão-marinho, que pervaga,
em busca, sem saber, como da terra
(quando a vida nos dói, de tão exata)

nos lançamos a um mar que não existe.
A doçura do monstro, oclusa, à espera...
Um leão-marinho brinca em nós, e é triste.

A UM MORTO NA INDIA

Meu caro Santa Rosa, que cenário
diferente de quantos compuseste,
a teu fim reservou a sorte vária,
unindo Paraíba e Índias de leste!

Tudo é teatro, suspeito que me dizes,
ou sonhas? ou sorris? e teu cigarro
vai compondo um desenho, entre indivisos
traços de morte e vida e amor e barro.

Amavas tanto o amor que as musas todas
ao celebrar-te (são mulheres) choram,
e não pressentem que um de teus engodos
é não morrer, se as parcas te devoram.

Retifico: são simples tecedeiras,
são mulheres do povo. E teu destino,
uma tapeçaria onde as surpresas
de linha e cor renovam seu ensino.

Que retrato de ti legas ao mundo?
Se são tantos retratos, repartidos
na verlainiana máscara, profunda
mina de intelecções e de sentidos?

Meus livros são teus livros, nessa rubra
capa com que os vestiste, e que entrelaça
um desespero aberto ao sol de outubro
à aérea flor das letras, ritmo e graça.

Os negros, nos murais, cumprem o rito
litúrgico do samba: estão contando
a alegria das formas, trismegisto

princípio de arte, a um teu aceno brando.

Essa alegria de criar, que é tua
explicação maior e mais tocante,
fica girando no ar, enquanto avulta,
em sensação de perda, teu semblante.

Cortês amigo, a fala baixa, o manso
modo de conviver, e a dura crítica,
e o mais de ti que em fantasia dança,
pois a face do artista é sempre mítica,

em movimento rápido se fecha
na rosa de teu nome, claro véu,
ó Tomás Santa Rosa... E em Nova Delhi,
o convite de Deus: pintar o céu.

A VIDA PASSADA A LIMPO

Ó esplêndida lua, debruçada
sobre Joaquim Nabuco, 8r.
Tu não banhas apenas a fachada
e o quarto de dormir, prenda comum.

Baixas a um vago em mim, onde nenhum
halo humano ou divino fez pousada,
e me penetras, lâmina de Ogum,
e sou uma lagoa iluminada.

Tudo branco, no tempo. Que limpeza
nos resíduos e vozes e na cor
que era sinistra, e agora, flor surpresa,

já não destila mágoa nem furor:
fruto de aceitação da natureza,
essa alvura de morte lembra amor.

SONETOS DO PASSARO

I

Amar um passarinho é coisa louca.
Gira livre na longa azul gaiola
que o peito me constringe, enquanto a pouca
liberdade de amar logo se evola.

É amor meação? pecúlio? esmola?
Uma necessidade urgente e rouca
de no amor nos amarmos se desola
em cada beijo que não sai da boca.

O passarinho baixa a nosso alcance,
e na queda submissa um voo segue,
e prossegue sem asas, pura ausência,

outro romance ocluso no romance.
Por mais que amor transite ou que se negue,
é canto (não é ave) sua essência.

II

Batem as asas? Rosa aberta, a saia
esculpe, no seu giro, o corpo leve.
Entre músculos suaves, uma alfaia,
selada, tremeluz à vista breve.

O que, mal percebido, se descreve
em termos de pelúcia ou de cambraia,
o que é fogo sutil, soprado em neve,
curva de coxa atlântica na praia,

vira mulher ou pássaro? No rosto,
essa mesma expressão aérea ou grave,
esse indeciso traço de sol-posto,

de fuga, que há no bico de uma ave.
O mais é jeito humano ou desumano,
conforme a inclinação de meu engano.

TRIPTICO DE SÔNIA MARIA DO RECIFE

I

Meu Santo Antônio de Itabira
ou de Apipucos
ensina-me um verso
que seja brando e fale de amanhecer
e se debruce à beira-rio
e pare na estrada
e converse com a menina
como se costuma conversar com formigas
besouros
folhas de cajueiro de ingazeiro de amendoeira
esses assuntos importantíssimos
que não adianta o rei escutar
porque não entende nossa linpin-guapá-gempém.

Meu Santo Antônio do Recife
preciso de outro verso bem diferente
mas tirado daquele como um jardim se tira da terra
e todo macio dourado
ágil fosforescente cantábile
para significar a moça
que pouco a pouco se formou ao sol do espelho
e agora está sorrindo
sobre a cordilheira de antepassados
e finca no olhar um ramo
de música, à maneira dos passarinhos.

III

E assim terei celebrado Sônia Maria
Sônia de som e sonho
sonata mozartiana que em modinha
brasileira se ensombra
e vai soar suavíssima no sono
Maria de Maria mariamente
ou de mar de canaviais mar murmurante
Sônia Maria do Recife
nesse ponto de luz tamisada
onde as meninas começam a transformar-se
em nuvem, e as mulheres
meditam sua grave adolescência.

PROCURA

Procurar sem notícia, nos lugares
onde nunca passou;
inquirir, gente não, porém textura,
chamar à fala muros de nascença,
os que não são nem sabem, elementos
de uma composição estrangulada.

Não renunciar, entre possíveis,
feitos de cimento do impossível,
e ao sol-menino opor a antiga busca,
e de tal modo revolver a morte
que ela caia em fragmentos, devolvendo
seus intactos reféns — e aquele volte.

Venha igual a si mesmo, e ao tão-mudado,
que o interroga, insinue
a sigla de um armário cristalino,
além do qual, pascendo beatitudes,
os seres-bois, completos, se transitem,
ou mugidoramente se abençoem.

Depois, colóquios instantâneos
liguem Amor, Conhecimento,
como fora de espaço e tempo hão de ligar-se,
e breves despedidas
sem lenços e sem mãos
restaurem — para outros — na esplanada
o império do real, que não existe.

OS MATERIAIS DA VIDA

Drls? Faço meu amor em vidrotil
nossos coitos são de modernfold
até que a lança de interflex
vipax nos separe
em clavilux
camabel camabel o vale ecoa
sobre o vazio de ondalit
a noite asfáltica
plkx

CIENCIA

Começo a ver no escuro
um novo tom
de escuro.

Começo a ver o visto
e me induo
no muro.

Começo a distinguir
um sonilho, se tanto,
de ruga.

E a esmerilhar a graça
da vida, em sua
fuga.

ESPECULAÇÕES EM TORNO DA PALAVRA HOMEM

Mas que coisa é homem,
que há sob o nome:
uma geografia?

um ser metafísico?
uma fábula sem
signo que a desmonte?

Como pode o homem
sentir-se a si mesmo,
quando o mundo some?

Como vai o homem
junto de outro homem,
sem perder o nome?

E não perde o nome
e o sal que ele come
nada lhe acrescenta

nem lhe subtrai
da doação do pai?
Como se faz um homem?

Apenas deitar,
copular, à espera
de que do abdômen

brote a flor do homem?
Como se fazer
a si mesmo, antes

de fazer o homem?
Fabricar o pai
e o pai e outro pai

e um pai mais remoto
que o primeiro homem?
Quanto vale o homem?

Menos, mais que o peso?
Hoje mais que ontem?
Vale menos, velho?

Vale menos, morto?
Menos um que outro,
se o valor do homem

é medida de homem?
Como morre o homem,
como começa a?

Sua morte é fome
que a si mesma come?
Morre a cada passo?

Quando dorme, morre?
Quando morre, morre?
A morte do homem

consemelha a goma
que ele masca, ponche
que ele sorve, sono

que ele brinca, incerto
de estar perto, longe?
Morre, sonha o homem?

Por que morre o homem?
Campeia outra forma

de existir sem vida?

Fareja outra vida
não já repetida,
em doido horizonte?

Indaga outro homem?
Por que morte e homem
andam de mãos dadas

e são tão engraçadas
as horas do homem?
Mas que coisa é homem?

Tem medo de morte,
mata-se, sem medo?
Ou medo é que o mata

com punhal de prata,
laço de gravata,
pulo sobre a ponte?

Por que vive o homem?
Quem o força a isso,
prisioneiro insonte?

Como vive o homem,
se é certo que vive?
Que oculta na frente?

E por que não conta
seu todo segredo
mesmo em tom esconso?

Por que mente o homem?
mente mente mente
desesperadamente?

Por que não se cala,
se a mentira fala,
em tudo que sente?

Por que chora o homem?
Que choro compensa
o mal de ser homem?

Mas que dor é homem?
Homem como pode
descobrir que dói?

Há alma no homem?
E quem pôs na alma
algo que a destrói?

Como sabe o homem
o que é sua alma
e o que é alma anônima?

Para que serve o homem?
para estrumar flores,
para tecer contos?

Para servir o homem?
Para criar Deus?
Sabe Deus do homem?

E sabe o demônio?
Como quer o homem
ser destino, fonte?

Que milagre é o homem?
Que sonho, que sombra?
Mas existe o homem?

A GOELDI

De uma cidade vulturina
vieste a nós, trazendo
o ar de suas avenidas de assombro
onde vagabundos peixes esqueletos
rodopiam ou se postam em frente a casas inabitáveis
mas entupidas de tua coleção de segredos,
ó Goeldi: pesquisador da noite moral sob a noite física.

Ainda não desembarcaste de todo
e não desembarcarás nunca.
Exílio e memória porejam das madeiras
em que inflexivelmente penetras para extrair
o vitriolo das criaturas
condenadas ao mundo.

És metade sombra ou todo sombra?
Tuas relações com a luz como se tecem?
Amarias talvez, preto no preto,
fixar um novo sol, noturno; e denuncias
as diferentes espécies de treva
em que os objetos se elaboram:
a treva do entardecer e a da manhã;
a erosão do tempo no silêncio;
a irreabilidade do real.

Estás sempre inspecionando
as nuvens e a direção dos ciclones.
Céu nublado, chuva incessante, atmosfera de chumbo
são elementos de teu reino
onde a morte de guarda-chuva
comanda
poças de solidão, entre urubus.

Tão solitário, Goeldi! mas pressinto

no glauco reflexo furtivo
que lambe a canoa de teu pescador
e na tarja sanguínea a irromper, escândalo, de teus negrumes
uma dádiva de ti à vida.

Não sinistra,
mas violenta
e meiga,
destas cores compõe-se a rosa em teu louvor.

PRECE DE MINEIRO NO RIO

Espírito de Minas, me visita,
e sobre a confusão desta cidade,
onde voz e buzina se confundem,
lança teu claro raio ordenador.
Conserva em mim ao menos a metade
do que fui de nascença e a vida esgarça:
não quero ser um móvel num imóvel,
quero firme e discreto o meu amor,
meu gesto seja sempre natural,
mesmo brusco ou pesado, e só me punja
a saudade da pátria imaginária.
Essa mesma, não muito. Balançando
entre o real e o irreal, quero viver
como é de tua essência e nos segredas,
capaz de dedicar-me em corpo e alma,
sem apego servil ainda o mais brando.
Por vezes, emudeces. Não te sinto
a soprar da azulada serra
onde galopam sombras e memórias
de gente que, de humilde, era orgulhosa
e fazia da crosta mineral
um solo humano em seu despojamento.
Outras vezes te invocam, mas negando-te,
como se colhe e se espezinha a rosa.
Os que zombam de ti não te conhecem
na força com que, esquivo, te retrais
e mais límpido quedas, como ausente,
quanto mais te penetra a realidade.
Desprendido de imagens que se rompem
a um capricho dos deuses, tu regressas
ao que, fora do tempo, é tempo infindo,
no secreto semblante da verdade.
Espírito mineiro, circunspecto
talvez, mas encerrando uma partícula
de fogo embriagador, que lavra súbito,

e, se cabe, a ser doidos nos inclinas:
não me fujas no Rio de Janeiro,
como a nuvem se afasta e a ave se alonga,
mas abre um portulano ante meus olhos
que a teu profundo mar conduza, Minas,
Minas além do som, Minas Gerais.

PRANTO GERAL DOS ÍNDIOS

Chamar-te Maíra

Dyuna
Criador

seria mentir
pois os seres e as coisas respiravam antes de ti
mas tão desfolhados em seu abandono
que melhor fora não existissem
As nações erravam em fuga e terror
Vieste e nos encontraste
Eras calmo pequeno determinado
teu gesto paralisou o medo
tua voz nos consolou, era irmã
Protegidos de teu braço nos sentimos
O akangatar mais púrpura e sol te cingiria
mas quiseste apenas nossa fidelidade

Eras um dos nossos voltando à origem
e trazias na mão o fio que fala
e o foste estendendo até o maior segredo da mata
A piranha a cobra a queixada a maleita
não te travavam o passo
militar e suave
Nossas brigas eram separadas
e nossos campos de mandioca marcados
pelo sinal da paz
E dos que se assustavam pendia o punho
fascinado pela força de teu bem-querer
Ó Rondon, trazias contigo o sentimento da terra

Uma terra sempre furtada
pelos que vêm de longe e não sabem
possuí-la
terra cada vez menor
onde o céu se esvazia da caça e o rio é memória

de peixes espavoridos pela dinamite
terra molhada de sangue
e de cinza esterçada de lágrimas
e lues
em que o seringueiro o castanheiro o garimpeiro o bugreiro colonial e moderno
celebram festins de extermínio

Não nos deixaste sós quando te foste
Ficou a lembrança, rã pulando n'água
do rio da Dúvida: voltarias?
Amigos que nos despachaste contavam de ti sem luz
antigo, entre pressas e erros, guardando
em ti, no teu amor tornado velho
o que não pode o tempo esfarinhar
e quanto nossa pena te doía

Afinal já regressas. É janeiro
tempo de milho verde. Uma andorinha
um broto de buriti nos anunciam
tua volta completa e sem palavra
A coisa amarga
girebboy circula nosso peito
e karori a libélula pousando
no silêncio de velhos e de novos
é como o fim de todo movimento

A manada dos rios emudece
Um apagar de rastos um sossego
de errantes falas saudosas uma paz
coroadas de folhas nos roça
e te beijamos
como se beija a nuvem na tardinha
que vai dormir no rio ensanguentado

Agora dormes
um dormir tão sereno que dormimos
nas pregas de teu sono
Os que restam da glória velha feiticeiros
oleiros cantores bailarinos
estáticos debruçam-se em teu ombro

ron don ron don
repouso de felinos toque lento
de sinos na cidade murmurando
Rondon
Amigo e pai sorrindo na amplidão

CICLO

Sorrimos para as mulheres bojudas que passam como cargueiros adernando,
sorrimos sem interesse, porque a prenhez as circunda.

E levamos balões às crianças que afinal se revelam,
vemo-las criar folhas e temos cuidados especiais com sua segurança,
porque a rua é mortal e a seara não amadureceu.

Assistimos ao crescimento colegial das meninas e como é rude
infundir ritmo ao puro desengonço, forma ao espaço!

Nosso desejo, de ainda não desejar, não se sabe desejo,
e espera.

Como o bicho espera outro bicho.

E o furto espera o ladrão.

E a morte espera o morto.

E a mesma espera, sua esperança.

De repente, sentimos um arco ligando ao céu nossa medula,
e no fundamento do ser a hora fulgura.

É agora, o altar está brunido
e as alfaias cada uma tem seu brilho
e cada brilho seu destino.

Um antigo sacrifício já se alteia
e no linho amarfanhado um búfalo estampou
a sentença dos búfalos.

As crianças crescem tanto, e continuam
tão jardim, mas tão jardim na tarde rubra.

São eternas as crianças decepadas,
e lá embaixo da cama seus destroços
nem nos ferem a vista nem repugnam
a esse outro ser blindado que desponta
de sua própria e ingênua imolação.

E porque subsistem, as crianças,
e boiam na íris madura a censurar-nos,
e constangem, derrotam

a solécia dos grandes,
há em certos amores essa distância de um a outro
que separa, não duas cidades, mas dois corpos.

Perturbação de entrar
no quarto de nus,
tristeza de nudez que se sabe julgada,
comparação de veia antiga a pele nova,
presença de relógio insinuada entre roupas íntimas,
um ontem ressoando sempre,
e ciência, entretanto, de que nada continua e nem mesmo talvez exista.

Então nos punimos em nossa delícia.
O amor atinge raso, e fere tanto.
Nu a nu,
fome a fome,
não confiscamos nada e nos vertemos.
E é terrivelmente adulto esse animal
a espreitar-nos, sorrindo,
como quem a si mesmo se revela.

As crianças estão vingadas no arrepio
com que vamos à caça; no abandono
de nós, em que se esfuma nossa posse.
(Que possuímos de ninguém, e em que nenhuma região nos sabemos
pensados,
sequer admitidos como coisas vivendo
salvo no rasto de coisas outras, agressivas?)

Voltamos a nós mesmos, destroçados.
Ai, batalha do tempo contra a luz,
vitória do pequeno sobre o muito,
quem te previu na graça do desejo
a pular de cabrito sobre a relva
súbito incendiada em línguas de ira?
Quem te compôs de sábia timidez
e de suplicazinhas infantis
tão logo ouvidas como desdenhadas?
De impossíveis, de risos e de nada
tu te formaste, só, em meio aos fortes;

crescente em véu e risco; disfarçaste
de ti mesma esse núcleo monstruoso
que faz sofrer os máximos guerreiros
e compaixão infunde às mesmas pedras
e a crótalos de bronze nos jardins.
Ei-los prostrados, sim, e nos seus rostos
poluídos de chuva e de excremento
uma formiga escreve, contra o vento,
a notícia dos erros cometidos;
e um cavalo relincha, galopando;
e um desespero sem amar, e amando,
tinge o espaço de um vinho episcopal,
tão roxo é o sangue borrifado a esmo,
de feridas expostas em vitrinas,
joias comuns em suas formas raras
de tarântula cobra
touro verme
feridas latejando sem os corpos
deslembados de tudo na corrente.

Noturno e ambíguo esse sorriso em nosso rumo.
Sorrimos também — mas sem interesse — para as mulheres bojudas que
passam,
cargueiros adernando em mar de promessa
contínua.

PACTO

Que união floral existe
entre as mulheres e Di Cavalcanti?
Se o que há nelas de fero ou triste
a ele se entrega, confiante?

Que chave lhe deram, em São Cristóvão,
para abrir a porta dos olhos,
— e no labirinto escuro se acendem
lumes de paixão, ignotos?

Quem lhe soprou a ciência plástica
de resumir em cor o travo
das mais ácidas, o mel intenso
das suburbanas, o peso imenso
de corpos que sonham dar-se?

E o que ele aprendeu do corpo
sem alma, porque toda a alma,
como uma víbora calma,
coleia na pele do rosto?

E essa pegajosa linguagem
de desejo a surdir da gruta,
e esse suspiro, ai Deus, telúrico,
de sangue moreno-sulfúrico?

É o Rio que, feito rio
de vivências, lhe flui nas tintas
de um calor pedindo nudez?
O engenho de cana avoengo,
a mastigar doçuras de vez?

São os instintos em grinalda,

num movimento lento e grave,
tão majestoso que a pintura antiga
explode nos jogos modernos
da angústia?

Tudo é pergunta, na criação,
e tudo canta, é boca,
no belveder dos sessenta anos,
entre nuvens escravas.

Multiamante,

Di Cavalcanti fez pacto com a mulher.

VESPERA

Amor: em teu regaço as formas sonham
o instante de existir: ainda é bem cedo
para acordar, sofrer. Nem se conhecem
os que se destruirão em teu bruxedo.

Nem tu sabes, amor, que te aproximas
a passo de veludo. És tão secreto,
reticente e ardiloso, que semelhas
uma casa fugindo ao arquiteto.

Que presságios circulam pelo éter,
que signos de paixão, que suspirália
hesita em consumir-se, como flúor,
se não a roça enfim tua sandália?

Não queres morder célere nem forte.
Evitas o clarão aberto em susto.
Examinas cada alma. E fogo inerte?
O sacrifício há de ser lento e augusto.

Então, amor, escolhes o disfarce.
Como brincas (e és sério) em cabriolas,
em risadas sem modo, pés descalços,
no círculo de luz que desenrolas!

Contempla este jardim: os namorados,
dois a dois, lábio a lábio, vão seguindo
de teu capricho o hermético astrolábio,
e perseguem o sol no dia findo.

E se deitam na relva; e se enlaçando
num desejo menor, ou na indecisa
procura de si mesmos, que se expande,

corpóreos, são mais leves do que brisa.

E na montanha-russa o grito unânime
é medo e gozo ingênuo, repartido
em casais que se fundem, mas sem flama,
que só mais tarde o peito é consumido.

Olha, amor, o que fazes desses jovens
(ou velhos) debruçados na água mansa,
relendo a sem palavra das estórias
que nosso entendimento não alcança.

Na pressa dos comboios, entre silvos,
carregadores e campainhas, rouca
explosão de viagem, como é lírico
o batom a fugir de uma a outra boca.

Assim teus namorados se prospectam:
um é mina do outro; e não se esgota
esse ouro surpreendido nas cavernas
de que o instinto possui a esquiva rota.

Serão cegos, autômatos, escravos
de um deus sem caridade e sem presença?
Mas sorriem os olhos, e que daros
gestos de integração, na noite densa!

Não ensaies demais as tuas vítimas,
ó amor, deixa em paz os namorados.
Eles guardam em si, coral sem ritmo,
os infernos futuros e passados.

A UM BRUXO, COM AMOR

Em certa casa da Rua Cosme Velho
(que se abre no vazio)
venho visitar-te; e me recebes
na sala trastejada com simplicidade
onde pensamentos idos e vividos
perdem o amarelo,
de novo interrogando o céu e a noite.

Outros leram da vida um capítulo, tu leste o livro inteiro.
Daí esse cansaço nos gestos e, filtrada,
uma luz que não vem de parte alguma
pois todos os castiçais
estão apagados.

Contas a meia-voz
maneiras de amar e de compor os ministérios
e deitá-los abaixo, entre malinas
e bruxelas.
Conheces a fundo
a geologia moral dos Lobo Neves
e essa espécie de olhos derramados
que não foram feitos para ciumentos.
E ficas mirando o ratinho meio cadáver
com a polida, minuciosa curiosidade
de quem saboreia por tabela
o prazer de Fortunato, vivisseccionista amador.
Olhas para a guerra, o murro, a facada
como para uma simples quebra da monotonia universal
e tens no rosto antigo
uma expressão a que não acho nome certo
(das sensações do mundo a mais sutil):
volúpia do aborrecimento?
ou, grande lascivo, do nada?

O vento que rola do Silvestre leva o diálogo,
e o mesmo som do relógio, lento, igual e seco,
tal um pigarro que parece vir do tempo da Stoltz e do gabinete Paraná,
mostra que os homens morreram.

A terra está nua deles.

Contudo, em longe recanto,
a ramagem começa a sussurrar alguma coisa
que não se entende logo
e parece a canção das manhãs novas.
Bem a distingo, ronda clara:

é Flora,

com olhos dotados de um mover particular
entre mavioso e pensativo;

Marcela, a rir com expressão cândida (e outra coisa);

Virgília,

cujos olhos dão a sensação singular de luz úmida;

Mariana, que os tem redondos e namorados;

e Sancha, de olhos intimativos;

e os grandes, de Capitu, abertos como a vaga do mar lá fora,

o mar que fala a mesma linguagem

obscura e nova de D. Severina

e das chinelinhas de alcova de Conceição.

A todas decifraste íris e braços

e delas disseste a razão última e refolhada

moça, flor mulher flor

canção de manhã nova...

E ao pé dessa música dissimulas (ou insinuas, quem sabe)

o turvo grunhir dos porcos, troça concentrada e filosófica

entre loucos que riem de ser loucos

e os que vão à Rua da Misericórdia e não a encontram.

O eflúvio da manhã,

quem o pede ao crepúsculo da tarde?

Uma presença, o clarineta,

vai pé ante pé procurar o remédio,

mas haverá remédio para existir

senão existir?

E, para os dias mais ásperos, além

da cocaína moral dos bons livros?

Que crime cometemos além de viver

e porventura o de amar

não se sabe a quem, mas amar?

Todos os cemitérios se parecem,
e não pousas em nenhum deles, mas onde a dúvida
apalpa o mármore da verdade, a descobrir
a fenda necessária;
onde o diabo joga dama com o destino,
estás sempre aí, bruxo alusivo e zombeteiro,
que revolves em mim tantos enigmas.

Um som remoto e brando
rompe em meio a embriões e ruínas,
eternas exéquias e aleluias eternas,
e chega ao despistamento de teu pectenê.
O estribeiro Oblivion
bate à porta e chama ao espetáculo
promovido para divertir o planeta Saturno.
Dás volta à chave,
envolves-te na capa,
e qual novo Ariel, sem mais resposta,
saís pela janela, dissolves-te no ar.

INQUÉRITO

Pergunta às árvores da rua
que notícia têm desse dia
filtrado em betume da noite;
se por acaso pressentiram
nas aragens conversadeiras,
ágil correio do universo,
um calar mais informativo
que toda grave confissão.

Pergunta aos pássaros, cativos
do sol e do espaço, que viram
ou bicaram de mais estranho,
seja na pele das estradas
seja entre volumes suspensos
nas prateleiras do ar, ou mesmo
sobre a palma da mão de velhos
profissionais de solidão.

Pergunta às coisas, impregnadas
de sono que precede a vida
e a consuma, sem que a vigília
intermédia as liberte e faça
conhecedoras de si mesmas,
que prisma, que diamante fluido
concentra mil fogos humanos
onde era ruga e cinza e não.

Pergunta aos hortos que segredo
de clepsidra, areia e carocha
se foi desenrolando, lento,
no calado rumo do infante
a divagar por entre símbolos
de símbolos outros, primeiros,
e tão acessíveis aos pobres

como a breve casca do pão.

Pergunta ao que, não sendo, resta
perfilado à porta do tempo,
aguardando vez de possível;
pergunta ao vago, sem propósito
de captar maiores certezas
além da vaporosa calma
que uma presença imaginária
dá aos quartos do coração.

A ti mesmo, nada perguntes.

A UM HOTEL EM DEMOLIÇÃO

Vai, Hotel Avenida,
vai convocar teus hóspedes
no plano de outra vida.

Eras vasto vermelho,
em cada quarto havias
um ardiloso espelho.

Nele se refletia
cada figura em trânsito
e o mais que se não lia

nem mesmo pela frincha
da porta: o que um esconde,
polpa do eu, e guincha

sem se fazer ouvir.
E advindo outras faces
em contínuo devir,

o espelho eram mil máscaras
mineiroflumenpau-
listas, boas, más; caras.

50 anos-imagem
e 50 de catre
50 de engrenagem

noturna e confidente
que nos recolhe a úrica
verdade humildemente.

(Pois eras bem longo, Hotel, e no teu bojo
o que era nojo se sorria, em pó, contigo.)

O tardo e rubro alexandrino decomposto.

Casais entrelaçados no sussurro
do carvão carioca, bondes fagulhando, políticos
politicando em mornos corredores
estrelas italianas, porteiros em êxtase
cabineiros

em pânico:

por que tanta suntuosidade se encarcera
entre quatro tabiques de comércio?

A bandeja vai tremulargentina:

desejo café geleia matutinos que sei eu.

A mulher estava nua no centro e recebeu-me
com a gravidade própria aos deuses em viagem:

Stellen Sie es auf den Tisch!

Sim, não fui teu quarto, nem ao menos
boy em teu sistema de comunicações louça
a serviço da prandial azáfama diurna.

Como é que vivo então os teus arquivos
e te malsinto em mim que nunca estive
em teu registro como estão os mortos
em seus compartimentos numerados?

Represento os amores que não tive
mas em ti se tiveram foice-coice.

Como escorre

escada serra abaixo a lesma

das memórias

de duzentos mil corpos que abrigaste
ficha ficha ficha ficha
fichchchch.

O 137 está chamando

depressa que o homem vai morrer

é aspirina? padre que ele quer?

Não, se ele mesmo é padre e está rezando
por conta dos pecados deste hotel
e de quaisquer outros hotéis pelo caminho

que passa de um a outro homem, que em nenhum
ponto tem princípio ou desemboque;
e é apenas caminho e sempre sempre
se povoa de gestos e partidas
e chegadas e fugas e quilômetros.
Ele reza ele morre e solitária
uma torneira
pinga
e o chuveiro
chuvilha
e a chama
azul do gás silva no banho
sobre o Largo da Carioca em flor ao sol.

(Entre tapumes não te vejo
roto desventrado poluído
imagino-te ileso emergindo dos sambas dos dobrados da polícia militar, do coro
ululante de torcedores do campeonato mundial pelo rádio
a todos oferecendo, Hotel Avenida,
uma palma de cor nunca esbatida.)

Eras o Tempo e presidias
ao febril reconhecimento de dedos
amor sem pouso certo na cidade
à trama dos vigaristas, à esperança
dos empregos, à ferrugem dos governos,
à vida nacional em termos de indivíduo
e a movimentos de massa que vinham espumar
sob a arcada conventual de teus bondes.

Estavas no centro do Brasil,
nostalgias januárias balouçavam
em teu regaço, capangueiros vinham
confiar-te suas pedras, boiadeiros
pastoreavam rebanhos no terraço
e um açúcar de lágrimas caipiras
era ensacado a todo instante em envelopes
(azuis?) nos escaninhos da gerência
e eras tanto café e alguma promissória.

Que professor professa numa alcova
irreal, Direito das Coisas, doutrinando
a baratas que atarefadas não o escutam?
Que flauta insiste na sonatina sem piano
em hora de silêncio regulamentar?
E as manias de moradores antigos
que recebem à noite a visita do prefeito Passos para discutir novas técnicas
urbanísticas?

E teus mortos
incomparavelmente mortos de hotel fraudados
na morte familiar a que aspiramos
como a um não morrer morrido;
mortos que é preciso despachar
rápido, não se contaiem lençóis
e guarda-pires
dessa friúra diversa que os circunda
nem haja nunca memória nesta cama
do que não seja vida na Avenida.

Ouves a ladainha em bolhas intestinas?

*Balcão de mensageiros imóveis saveiros
banca de jornais para nunca e mais
alvas lavanderias de que restam estrias
bonbonnières onde o papel de prata
faz serenata em boca de mulheres
central telefônica soturnamente afônica
discos lamentação de partidos meniscos
papelarias
conversarias
chope da Brahma louco de quem ama
e o Bar Nacional pura afetividade
súbito ressuscita Mário de Andrade.*

Que fazer do relógio
ou fazer de nós mesmos
sem tempo sem mais ponto
sem contraponto sem
medida de extensão
sem sequer necrológio

enquanto em cinza foge o
impaciente bisão
a que ninguém os chifres
sujigou, aflição?
Ele marcava mar-cava
cava cava cava
e eis-nos sós marcados
de todos os falhados
amores recolhidos
relógio que não ouço
e nem me dá ouvidos
robô de puro olfato
a farejar o imenso
país do imóvel tato
as vias que corri
a teu comando fecham-se
nas travessas em I
nos vagos pesadelos
nos sombrios dejetos
em que nossos projetos
se estratificaram.

A ti não te destroem
como as térmitas papam
livro terra existência.
Eles sim teus ponteiros
vorazes esfarelam
a túnica de Vênus
o de mais o de menos
este verso tatuado
e tudo que hei andado
por te iludir e tudo
que nas arkademias
institutos autárquicos
históricos astutos
se ensina com malícia
sobre o evolover das coisas
ó relógio hoteleiro
deus do cauto mineiro,
silêncio,
pudícia.

Mas tudo que moeste
hoje de ti se vinga
por artes
de pensada mandinga.
Deglutimos teu vidro
abafando a linguagem
que das próprias estilhas
se afadiga em pulsar
o minuto de espera
quando cessa na tarde
a brisa de esperar.

Rangido de criança nascendo.

*Por favor, senhor poeta Martins Fontes, recite mais baixo suas odes enquanto minha
senhora acaba de parir no quarto
de cima, e o poeta velou a voz, mas quando o bebê aflorou
ao mundo é o pai que faz poesia saltarilha e pede ao poeta que eleve o diapasão para
celebrarem todos, hóspedes, camareiros e pardais, o grato alumbramento.*

*Anoitecias. Na cruz dos quatro caminhos, lá embaixo, apanhadores, ponteiros,
engole-listas de sete prêmios repousavam degustando garapa.*

*Mujer malvada, yo te mataré! artistas ensaiavam nos quartos? I wil grind your bones
to dust, and with your blood and it I'll make a paste. Bagaço de cana, lá embaixo.*

Todo hotel é fluir. Uma corrente
atravessa paredes, carreando o homem,
suas exalações de substância. Todo hotel
é morte, nascer de novo; passagem; se pombos
nele fazem estação, habitam o que não é de ser habitado
mas apenas cortado. As outras casas prendem
e se deixam possuir ou tentam fazê-lo, canhestras.
O espaço procura fixar-se. A vida se espacializa,
modela-se em cristais de sentimento.
A porta se fecha toda santa noite.
Tu não se encerras, não podes. A cada instante
alguém se despede de teus armários infieis
e os que chegam já trazem a volta na maleta.

220 *Fremdenzimmer* e te vês sempre vazio
e o espelho reflete outro espelho
o corredor cria outro corredor
homem quando nudez indefinidamente.

No centro do Rio de Janeiro
ausência
no curral da manada dos bondes
ausência
no desfile dos sábados
no esfregar no repinicar dos blocos
ausência
nas cavatinas de Palermo
no aboio dos vespertinos
ausência
verme roendo maçã
verme roído por verme
verme autorroído
roer roendo o roer
e a ânsia de acabar, que não espera
o termo veludoso das ruínas
nem a esvoaçante morte de hidrogênio.

Eras solidão tamoia
vir a ser de casa
em vir a ser de cidade onde lagartos.

Vem, ó velho Malta,
saca-me uma foto
pulvicinza efialta
desse pouso ignoto.

Junta-lhe uns quiosques
mil e novecentos,
nem iaras nem bosques
mas pobres piolhentos.

Põe como legenda
Queijo Itatiaia

e o mais que compreenda
condição lacaia.

Que estas vias feias
muito mais que sujas
são tortas cadeias
conchas caramujas

do burro sem rabo
servo que se ignora
e de pobre-diabo
dentro, fome fora.

Velho Malta, *please*,
bate-me outra chapa:
hotel de marquise
maior que o rio Apa.

Lá do acento etéreo,
Malta, sub-reptício
inda não te fere o
superedifício

que deste chão surge?
Dá-me seu retrato
futuro, pois urge

documentar as sucessivas posses da terra até o juízo final e
mesmo depois dele se há como três vezes três confiamos que
haja um supremo ofício de registro imobiliário por cima da
instantaneidade do homem e da pulverização das galáxias.

Já te lembrei bastante sem que amasse
uma pedra sequer de tuas pedras
mas teu nome — A V E N I D A — caminhava
à frente de meu verso e era mais amplo

e mais formas continha que teus cômodos

(o tempo os degradou e a morte os salva),
e onde abate o alicerce ou foge o instante
estou comprometido para sempre.

Estou comprometido para sempre,
eu que moro e desmoro há tantos anos
o Grande Hotel do Mundo sem gerência

em que nada existindo de concreto
— avenida, avenida — tenazmente
de mim mesmo sou hóspede secreto.

Posfácio

MINA DE INTELECÇÕES E DE SENTIDOS

Luciano Rosa

Estampado pela primeira vez em *Poemas* (1959), volume que então reunia praticamente toda a poesia publicada de Carlos Drummond de Andrade,¹ *A vida passada a limpo* surgiu engastado em meio a títulos definitivos não apenas da obra drummondiana mas da moderna lírica brasileira, como *Alguma poesia*, *Sentimento do mundo*, *A rosa do povo*, *Claro enigma*. Nas reimpressões, o livro quase sempre se fez acompanhar de um ou mais títulos, como se os poemas que o compõem não justificassem edição autônoma. O presente volume vem retificar tal perspectiva.

Considerado o conjunto da poesia de Drummond, os poemas de *A vida passada a limpo* inscrevem-se numa quadra especialmente significativa, derivada de uma reorientação poética que a distingue do (ou quase a opõe ao) prevalente engajamento da lírica drummondiana na primeira metade da década de 1940. Nessa fase participante despontam *Sentimento do mundo* (1940) e *A rosa do povo* (1945), livros que, numa época crucial do século xx, elegem como matéria “o tempo presente, os homens presentes, a vida presente”. O vínculo com o momento histórico é traço determinante dessa poesia timbrada pela exortação política e pelo discurso social, erguida como denúncia do presente terrível e prenúncio de um futuro redentor.

Irrompida *A rosa do povo*, recolhem-se, em 1948, os *Novos poemas*, nos quais começa a esboçar-se um outro estado poético que conhecerá seu apogeu em *Claro enigma* (1951) e reverberará em *Viola de bolso* (1952), *Fazendeiro do ar* (1954) e neste *A vida passada a limpo*. A mudança de enfoque, insinuada sob a aparente neutralidade do título *Novos poemas*, é assunto nas “páginas de diário” de *O observador no escritório*, nas quais Drummond, em apontamento de 9 de janeiro de 1953, revela as condicionantes de *Claro enigma*: “Eu ‘convalescia’ de amarga experiência política, e desejava que meus versos se mantivessem o mais possível distantes de qualquer ressentimento ou temor de desagradar os passionais da ‘poesia social’”. A epígrafe do livro de 1951 sinaliza a demissão do poeta engajado: “*Les événements m’ennuient*” (“Os acontecimentos me aborrecem”), adverte Drummond, valendo-se da sentença de Paul Valéry. Em 1984, em breve texto introdutório à reedição de *A rosa do povo*, ele assinalaria, beneficiado por quatro décadas de distanciamento, que “algumas ilusões feneceram”, em referência ao componente utópico do livro de 1945.

É assim que, na passagem dos anos 1940 para a década de 1950, opera-se na poesia de Drummond o trânsito do discurso ostensivamente ideológico, de apelo coletivo, a uma lírica essencialmente ontológica, voltada para o indivíduo e

sua relação conflituosa com o mundo. Nesse movimento, o “poeta do finito e da matéria”, testemunha da “vida presente” a pulsar sob o sol da História, cede passo ao especulativo cantor de “uma ordem outra de seres/ e coisas não figuradas”, conforme anuncia o poema de abertura de *Claro enigma*, significativamente intitulado “Dissolução”. Como dito, os desdobramentos de tal viragem irão propagar-se em todo o decênio de 1950, irmanando sob vários aspectos os livros nele publicados.

Quanto à forma, o novo estado poético corresponde à certa tradicionalização, detectável no requinte da linguagem e em apurada técnica poemática, atributos distantes do espírito modernista dos primeiros livros. Vocabulário nobre, versos medidos e rimados, estrofes isométricas, formas fixas passam a conformar, por esse tempo, parcela expressiva da poesia de Drummond. A incidência do soneto é bom indício da adesão à poesia de talhe mais clássico. Nos seis livros das décadas de 1930 e 40, contam-se apenas quatro exemplares da consagrada forma de composição: o “Soneto da perdida esperança”, de *Brejo das Almas*; dois sonetinhos em *A rosa do povo* (“Áporo” e “O poeta escolhe seu túmulo”); e o decassilábico “Jardim”, de *Novos poemas*. Já entre as 46 peças de *Claro enigma* há dez sonetos modelares — presença pronunciada que se repetirá em *Fazendeiro do ar* e em *A vida passada a limpo*.

Registre-se que a “conversão” de Drummond não constitui caso isolado na poesia brasileira do período. Nas décadas de 1940 e 1950, o diálogo com a tradição ressurgiu de modo franco depois do divórcio decretado pelo modernismo ortodoxo. Sem abdicarem da modernidade medular e irrenunciável que nelas se infunde, muitas obras desse tempo promovem o resgate e o reprocessamento de todo um legado cultural proscrito pelo movimento de 1922. Paralelamente ao esforço restaurador da Geração de 45, a reabilitação do passado literário lastreia a produção de diversos autores, novos e renomados, independentemente de circunstancial ligação com escola ou corrente estética. Na maré montante do retorno a matrizes tradicionais, Mario Quintana estreia em 1940 com um livro de sonetos (*A rua dos cataventos*); Lêdo Ivo dá à estampa *Ode e elegia* (1945) e *Acontecimento do soneto* (1948); Murilo Mendes compõe, entre 1946 e 1948, os *Sonetos brancos* e publica, em 1954, a *Contemplação de Ouro Preto*; em 1948 vêm a lume as *Poesias* de Dante Milano, e, no ano seguinte, o *Livro de sonetos* de Jorge de Lima; Américo Facó — a quem Drummond dedica *Claro enigma* — lança, em 1951, *Poesia perdida*; em 1955 sai *O homem e sua hora*, de Mário Faustino. Assim como a obra drummondiana na década de 1950, esses livros bem ilustram a dialética tradição-modernidade que caracteriza a poesia brasileira nos anos mediais do século XX.

Na poesia de Drummond, a “guinada classicista” — a expressão é de Haroldo de Campos — não se restringe a aspectos exteriores ou a expedientes formais. José Guilherme Merquior salienta que o lirismo de *Claro enigma* (e,

acrescente-se, dos demais livros dos anos 1950) “é clássico no sentido de que evita a representação social-concreta [...] em favor de um simbolismo abstrato, refratário à figuração da empiria social”.² Os poemas aqui reunidos, escritos entre 1954 e 1958, não apenas se pautam, em grande monta, pelo rigor formal como também repercutem em larga escala o “simbolismo abstrato” e etéreo, ao qual se acrescem o tom meditativo e o pessimismo frequentemente apontados nesta quadra da lírica drummondiana. Aqui, não é raro sentir um travo de tristeza, um ressaibo de melancolia, como em “Leão-marinho”, cujo último verso — “Um leão-marinho brinca em nós, e é triste” — sintetiza o desencanto geral da coletânea. No mesmo passo, o emblemático verso de “Nudez” — “Minha matéria é o nada” — muito diz do niilismo que impregna essa fase da obra de Drummond, ainda mais flagrante quando cotejada com a poesia em riste do decênio anterior.

“UM NOVO TOM/ DE ESCURO”

Desobrigado do imperativo do presente, *A vida passada a limpo* é “mais um livro sem tempo/ em que o poeta se contempla/ e se diz boa-tarde”, num “ensaio de boa-noite”, como prediz o “Poema-orelha” que introduz o volume. Com efeito, nesses “versos à boca da noite”³ o autocontemplar-se do poeta se amplifica e se universaliza para, ao cabo, encenar a incessante “tentativa de exploração e de interpretação do estar-no-mundo”. Na figuração poética do “homem, feixe de sombra”,⁴ em seu erradio palmilhar “no chão noturno da existência”,⁵ o signo/símbolo “noite” adquire especial relevo. Marlene de Castro Correia já observou que “as conotações negativas da palavra “noite” — angústia, opressão, morte, solidão, guerra, sofrimento — ressurgem constantemente na poesia drummondiana”,⁶ mas nos poemas da década de 1950 o símbolo parece cobrir-se de outra pátina, como se representasse uma escuridão existencial, espécie de noite íntima a partir da qual se tísna o mundo em redor. Sintomática, pois, a estrofe inaugural do primeiro poema de *Claro enigma*, o já mencionado “Dissolução”: “Escurece, e não me seduz/ tatear sequer uma lâmpada./ Pois que aprouve ao dia findar,/ aceito a noite”. Ao mesmo negrume se associa o soneto de abertura de *Fazendeiro do ar*, não por acaso intitulado “Habilitação para a noite”, que estampa as seguintes redondilhas: “Vai-me a vista assim baixando/ ou a terra perde o lume?”; “Outra noite vem descendo/ com seu bico de rapina”. Em verdade, a atmosfera esfumada dessa fase já se delineia nos textos finais dos *Novos poemas* — por exemplo, na “coisa sombria” que “barra o caminho e medita, obscura” (em “O enigma”) e no desejo de “fechar-se/ contra os poderes do mundo/ para na treva fundir-se” (em “O arco”).

Sob essa perspectiva, vários fragmentos de *A vida passada a limpo* constituem “claros/ gestos de integração, na noite densa”, para citarmos uma passagem de “Véspera”. Já no segundo poema do livro, “Nudez”, se anuncia a cisão entre o poeta e o que ilumina: “E já não brinco a luz”, diz ele, agora apto a divisar nuanças na escuridão antes indistinta, conforme registra a estrofe inicial de “Ciência”: “Começo a ver no escuro/ um novo tom/ de escuro”. A proximidade com o breu — sinalizada pelos demonstrativos “este”/“esta” nos hexassílabos de “Ar”: “*Nesta* boca da noite”; “*Nesta* cova da noite”; “*Neste* abismo da noite” — configura o *locus* desolado e sombrio de onde fala o poeta, sorvido pela noite transfigurada em “boca”, “abismo” e “cova”. A ambiência soturna que se infiltra, às vezes obliquamente, nos poemas aqui coligidos atinge o ápice em “A Goeldi”, tributo ao xilógrafo e ilustrador Oswaldo Goeldi, em cuja arte ressalta a presença soberana do preto. No belo poema, sinistras referências — “cidade vulturina”, “avenidas de assombro”, “atmosfera de chumbo”, “poças de solidão, entre urubus” — mesclam-se a alusões à obra do gravurista para simular o efeito “preto no preto” de sua imagística infensa à luz. Ao longo do livro, tomando de empréstimo a paleta de tons escuros para matizar “diferentes espécies de treva”, Drummond se apropria, de forma plena, do epíteto com que qualifica o xilógrafo, tornando-se ele mesmo “pesquisador da noite moral sob a noite física”.

Dada a afinidade, caberia interpelar o poeta com a pergunta que ele lança a Goeldi: “Tuas relações com a luz como se tecem?”. Como se viu, articulam-se em *A vida passada a limpo* vários indícios do predomínio da noite sobre o dia, da escuridão sobre a luz. É o que sugerem, por exemplo, o “novo sol, noturno”, “a treva do entardecer e da manhã” (em “A Goeldi”) e o “dia/ filtrado em betume da noite” (em “Inquérito”), metáforas avizinhas daquele “amanhecer/ mais noite que a noite” do distico final de “Sentimento do mundo”, na abertura do livro homônimo. Não obstante, dois poemas fulgem sob o manto noturno (ou canto soturno) deste volume, à semelhança do “glauco reflexo furtivo/ que lambe a canoa [do] pescador” na gravura de Goeldi, no qual o poeta pressente uma “dádiva à vida”. Os sonetos “Instante” e “A vida passada a limpo” abrem claros na cerração dominante e surgem como afirmação da luz em meio à escuridão urdida nos outros poemas. Os dois primeiros versos de “Instante” (“Uma semente engravidava a tarde./ Era o dia nascendo, em vez da noite.”) instauram o inusitado curso anti-horário que preside o soneto, afastando a noite em prol da infinda “manhã sempre-sempre”, corola do “tempo sem caule”. “A vida passada a limpo”, por seu turno, dissipa as “conotações negativas” do símbolo “noite” a partir da “esplêndida lua” e sua ação purificadora, da qual resulta “Tudo branco no tempo. Que limpeza/ nos resíduos e vozes e na cor/ que era sinistra, e agora, flor surpresa,// já não destila mágoa nem furor”. A depuração conduziu-se no último verso, em que a expressão “alvura de morte”,

propondo arranjo semântico incomum, expurga o momento fatal das previsíveis associações com a treva.

Em face da escuridão alastrada, não parece gratuita a escolha de um dos únicos poemas luminosos para nomear a obra. Alçando “A vida passada a limpo” à condição de poema-título, Drummond logra ombreá-lo com a “esplêndida lua” que o protagoniza, fazendo a luz do soneto pairar sobre a soturnidade hegemônica do livro. A denominação do volume, a propósito, ganha outros matizes de sentido quando confrontada com a nota acrescentada à edição de *Fazendeiro do ar & Poesia até agora* (1954), na qual Drummond assevera: “a vida não pode ser passada a limpo”. Em que pese a validade da assertiva no terreno das experiências, o poeta não se encabula ao desdizer-se, liricamente, no título que atribui à presente coletânea, o qual, em última instância, afirma a fragilidade do “império do real” frente à poesia.

“CANTAR DE AMIGOS”

Na *Antologia poética* publicada em 1962, Drummond organizou os poemas selecionados em nove categorias temáticas, correspondentes a “certas características, preocupações e tendências”⁷ que, aos olhos do autor, condicionam ou definem sua obra. A um desses conjuntos chamou “Cantar de amigos”, e sob a rubrica agrupou sete poemas em que celebra companheiros de sua efetiva convivência (como os poetas Mário de Andrade, Jorge de Lima e Américo Facó) e “amigos” aos quais se ligava por afinidade espiritual ou admiração (como Charles Chaplin). Manifesto desde *A rosa do povo* (e sobrejamente reafirmado na seção “Meigo tom”, de *Viola de bolso*, e ainda em *Fazendeiro do ar*), o pendor de Drummond para os poemas-homenagem não abranda em *A vida passada a limpo*: entre os 23 textos aqui reunidos, cinco compõem uma espécie de antecipação do cordial segmento embutido na seleta de 1962.

Além de “A Goeldi”, Drummond consagra outros dois poemas a artistas plásticos. O cenógrafo, ilustrador e pintor Tomás Santa Rosa, falecido em Nova Delhi, em 1956, é homenageado em “A um morto na Índia”. Santa Rosa assinou projetos gráficos de diversas publicações (sobretudo da editora José Olympio, nas décadas de 1930, 40 e 50), entre elas a primeira edição de *A rosa do povo*. “Pacto” é consagrado a Di Cavalcanti e suas relações com a figura feminina, motivo particularmente caro ao pintor carioca. Para além da esfera das artes, o marechal Cândido Rondon é saudado em “Pranto geral dos índios”, composto por ocasião da morte do “civilizador dos sertões”, em 1958. Escrito em primeira pessoa, o *pranto* (poema elegíaco em que se lamenta a perda de pessoa

querida ou ilustre) entoa o canto plangente dos índios na despedida a seu amigo e protetor, a cujo importante trabalho de desbravamento e interligação telegráfica de regiões isoladas do Brasil (“e trazias na mão o fio que fala”) soma-se a defesa intransigente da população indígena.

No esparso “Cantar de amigos” deste volume, um único poema é votado a um companheiro de ofício: trata-se de “A um bruxo, com amor”, em louvor a Machado de Assis. Simulando uma visita ao bruxo do Cosme Velho, o poeta passa em revista a majestosa galeria de personagens do autor de *Dom Casmurro*, formulando de permeio considerações lapidares sobre o vasto mundo e o gênio de Machado, fundo conhecedor da “geologia moral” da alma humana. No exímio dissecador do caráter, Drummond assinala especial condão — “resolves em mim tantos enigmas” —, muito semelhante ao poder de decifração de sua própria poesia.

“TENTATIVA DE EXPLORAÇÃO E DE INTERPRETAÇÃO DO ESTAR-NO-MUNDO”

A despeito da proveitosa ação de Machado sobre o espírito de Drummond, tantos outros enigmas permanecem insolúveis em seu verso, não raro surpreendido “interrogando o céu e a noite”, tal qual o “bruxo alusivo e zombeteiro” amorosamente decantado. Em toda a obra drummondiana diversos são os poemas que ensaiam “uma visão, ou tentativa de, da existência”.⁸ Boa amostra está no segmento “Tentativa de exploração e de interpretação do estar-no-mundo”, da *Antologia poética*, de 1962. Dos 28 poemas que compõem a seção, dois foram extraídos de *A vida passada a limpo*, sendo certo que várias peças deste livro poderiam, sem embaraço, integrá-la.

O primeiro é “Especulações em torno da palavra homem”, poema essencialmente interrogativo no qual se articulam questões de cunho filosófico. “Mas que coisa é homem/ que há sob o nome: [...] um ser metafísico?”; “Como se faz um homem?”; “Quanto vale o homem?”; “Como morre o homem?”; “Quando morre, morre?”; “Por que morre o homem?” — são versos que dão a medida da sondagem ontológica levada a efeito no poema. Desdobrando as “Perguntas em forma de cavalo-marinho” lançadas em *Claro enigma*, as “Especulações em torno da palavra homem” parecem desinteressadas de respostas, pretendendo, com seu rosário de questões, pôr em evidência a implacável perplexidade inerente à condição humana. Em “Inquérito”, poema também arquitetado em torno de perguntas, reafirmam-se a postura fundamentalmente dubitativa e a renúncia a convicções: “pergunta ao vago, sem propósito/ de captar maiores certezas”. Afeita ao terreno movediço do

mistério e do enigma, ciente de que existir não “é mais que um exercício/ de pesquisar da vida um vago indício”,⁹ a poesia de Drummond parece mesmo orientar-se pela máxima consignada em “Pacto”: “Tudo é pergunta, na criação,/ e tudo canta”.

O segundo é “A um hotel em demolição”, testemunho poético do desaparecimento, em 1957, do Hotel Avenida, instalado na antiga avenida Central, no Rio de Janeiro, então capital federal. Situando-o “no centro do Brasil”, o poeta converte o Avenida num ponto simbólico para o qual tudo parece confluir — daí a configuração babélica do caudaloso poema. A constelação de formas, ritmos, registros, dicções e expedientes expressivos (onomatopeias, neologismos, passagens em língua estrangeira, fragmentos em prosa) traduz em linguagem o turbilhão “deste hotel/ e de quaisquer outros hotéis pelo caminho/ que passa de um a outro homem,/ que em nenhum/ ponto tem princípio ou desemboque”. A transitoriedade intrínseca a todo lugar de pouso — que “se povoa de gestos e partidas/ e chegadas e fugas” — tem sua significação ampliada na demolição do sólido e imponente Hotel Avenida, cuja ruína evidencia a precariedade e a fugacidade de tudo o que encontra guarida no “Grande Hotel do Mundo sem gerência// em que nada [existe] de concreto”.

Recorrente em vários poemas, a contínua “tentativa de exploração e de interpretação do estar-no-mundo” assume múltiplas feições no verso de Drummond, e talvez nela repouse a tônica de toda a sua poesia. Tomados em bloco, os poemas de *A vida passada a limpo* formam um microcosmo em que facilmente se comprova o gosto reflexivo do poeta. Depois desta coletânea, longa foi a trajetória de Drummond, sempre pontuada de cogitações penetrantes acerca da existência. Poesia meditada, feita do que revela “e [do] mais que segue oculto/ em vítreos alcapões”, a obra de Carlos Drummond de Andrade permanece no tempo, inesgotável e sempre renovada — “profunda/ mina de intelecções e de sentidos”.

1 A coletânea *Poemas* não inclui *Viola de bolso*, livro publicado em 1952 e reeditado, em versão ampliada, em 1955, com o título *Viola de bolso novamente encordada*.

2 José Guilherme Merquior. *Verso universo em Drummond*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975, p. 192.

3 Título de um poema de *A rosa do povo*.

4 Verso de “Aliança”, de *Novos poemas*.

5 Verso de “Noite de outubro”, de *Farewell*.

6 Marlene de Castro Correia, *Drummond: a magia lúcida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 29.

7 Cf. “Informação”, texto introdutório da *Antologia poética* (1962) organizada pelo autor.

8 Cf. “Informação”, texto introdutório da *Antologia poética* (1962) organizada pelo autor.

9 Versos de “Relógio do Rosário”, de *Claro enigma*.

Leituras recomendadas

CAMILO, Vagner.

Drummond: da rosa do povo à rosa das trevas.

2ª ed. São Paulo: Ateliê, 2005.

CORREIA, Marlene de Castro.

Drummond: a magia lúcida.

Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GLEDSON, John.

Poesia e poética de Carlos Drummond de Andrade.

São Paulo: Duas Cidades, 1981.

MERQUIOR, José Guilherme.

Verso universo em Drummond.

Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

VILLAÇA, Alcides.

Passos de Drummond.

São Paulo: Cosac Naify, 2006.

Cronologia

- 1902 Nasce Carlos Drummond de Andrade, em 31 de outubro, na cidade de Itabira do Mato Dentro (MG), nono filho de Carlos de Paula Andrade, fazendeiro, e Julieta Augusta Drummond de Andrade.
- 1910 Inicia o curso primário no Grupo Escolar Dr. Carvalho Brito.
- 1916 É matriculado como aluno interno no Colégio Arnaldo, em Belo Horizonte. Conhece Gustavo Capanema e Afonso Arinos de Melo Franco. Interrompe os estudos por motivo de saúde.
- 1917 De volta a Itabira, toma aulas particulares com o professor Emílio Magalhães.
- 1918 Aluno interno do Colégio Anchieta da Companhia de Jesus, em Nova Friburgo, colabora na *Aurora Colegial*. No único exemplar do jornalzinho *Maio...*, de Itabira, o irmão Altivo publica o seu poema em prosa "Onda".
- 1919 É expulso do colégio em consequência de incidente com o professor de português. Motivo: "insubordinação mental".
- 1920 Acompanha sua família em mudança para Belo Horizonte.
- 1921 Publica seus primeiros trabalhos no *Diário de Minas*. Frequenta a vida literária de Belo Horizonte. Amizade com Milton Campos, Abgar Renault, Emílio Moura, Alberto Campos, Mário Casassanta, João Alphonsus, Batista Santiago, Aníbal Machado, Pedro Nava, Gabriel Passos, Heitor de Sousa e João Pinheiro Filho, *habitués* da Livraria Alves e do Café Estrela.
- 1922 Seu conto "Joaquim do Telhado" vence o concurso da *Novela Mineira*. Trava contato com Álvaro Moreyra, diretor de *Para Todos...* e *Ilustração Brasileira*, no Rio de Janeiro, que publica seus trabalhos.

- 1923 Ingressa na Escola de Odontologia e Farmácia de Belo Horizonte.
- 1924 Conhece, no Grande Hotel de Belo Horizonte, Blaise Cendrars, Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, que regressam de excursão às cidades históricas de Minas Gerais.
- 1925 Casa-se com Dolores Dutra de Moraes. Participa — juntamente com Martins de Almeida, Emílio Moura e Gregoriano Canedo — do lançamento de *A Revista*.
- 1926 Sem interesse pela profissão de farmacêutico, cujo curso conduíra no ano anterior, e não se adaptando à vida rural, passa a lecionar geografia e português em Itabira. Volta a Belo Horizonte e, por iniciativa de Alberto Campos, ocupa o posto de redator e depois redator-chefe do *Diário de Minas*. Villa-Lobos compõe uma seresta sobre o poema “Cantiga de viúvo” (que iria integrar *Alguma poesia*, seu livro de estreia).
- 1927 Nasce em 22 de março seu filho, Carlos Flávio, que morre meia hora depois de vir ao mundo.
- 1928 Nascimento de sua filha, Maria Julieta. Publica “No meio do caminho” na *Revista de Antropofagia*, de São Paulo, dando início à carreira escandalosa do poema. Torna-se auxiliar na redação da *Revista do Ensino*, da Secretaria de Educação.
- 1929 Deixa o *Diário de Minas* e passa a trabalhar no Minas Gerais, órgão oficial do estado, como auxiliar de redação e, pouco depois, redator.
- 1930 *Alguma poesia*, seu livro de estreia, sai com quinhentos exemplares sob o selo imaginário de Edições Pindorama, de Eduardo Frieiro. Assume o cargo de auxiliar de gabinete de Cristiano Machado, secretário do Interior. Passa a oficial de gabinete quando seu amigo Gustavo Capanema assume o cargo.
- 1931 Morre seu pai.
- 1933 Redator de *A Tribuna*. Acompanha Gustavo Capanema durante os três meses em que este foi interventor federal em Minas.
- 1934 Volta às redações: *Minas Gerais*, *Estado de Minas*, *Diário*

da Tarde, simultaneamente. Publica *Brejo das Almas* (duzentos exemplares) pela cooperativa Os Amigos do Livro. Transfere-se para o Rio de Janeiro como chefe de gabinete de Gustavo Capanema, novo ministro da Educação e Saúde Pública.

- 1935 Responde pelo expediente da Diretoria-Geral de Educação e é membro da Comissão de Eficiência do Ministério da Educação.
- 1937 Colabora na *Revista Acadêmica*, de Murilo Miranda.
- 1940 Publica *Sentimento do mundo*, distribuindo entre amigos e escritores os 150 exemplares da tiragem.
- 1941 Mantém na revista *Euclides*, de Simões dos Reis, a seção “Conversa de Livraria”, assinada por “O Observador Literário”. Colabora no suplemento literário de *A Manhã*.
- 1942 Publica *Poesias*, na prestigiosa Editora José Olympio.
- 1943 Sua tradução de *Thérèse Desqueyroux*, de François Mauriac, vem a lume sob o título *Uma gota de veneno*.
- 1944 Publica *Confissões de Minas*.
- 1945 Publica *A rosa do povo* e *O gerente*. Colabora no suplemento literário do *Correio da Manhã* e na *Folha Carioca*. Deixa a chefia do gabinete de Capanema e, a convite de Luís Carlos Prestes, figura como codiretor do diário comunista *Tribuna Popular*. Afasta-se meses depois por discordar da orientação do jornal. Trabalha na Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN), onde mais tarde se tornará chefe da Seção de História, na Divisão de Estudos e Tombamento.
- 1946 Recebe o Prêmio de Conjunto de Obra, da Sociedade Felipe d'Oliveira.
- 1947 É publicada a sua tradução de *Les Liaisons dangereuses*, de Laclos.
- 1948 Publica *Poesia até agora*. Colabora em *Política e Letras*. Acompanha o enterro de sua mãe, em Itaboraí. Na mesma hora, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, é executado o “Poema de Itaboraí”, de Villa-Lobos, a partir do seu poema “Viagem na família”.

- 1949 Volta a escrever no *Minas Gerais*. Sua filha, Maria Julieta, casa-se com o escritor e advogado argentino Manuel Graña Etcheverry e vai morar em Buenos Aires. Participa do movimento pela escolha de uma diretoria apolítica na Associação Brasileira de Escritores. Contudo, juntamente com outros companheiros, desliga-se da sociedade por causa de atritos com o grupo esquerdista.
- 1950 Viaja a Buenos Aires para acompanhar o nascimento do primeiro neto, Carlos Manuel.
- 1951 Publica *Claro enigma*, *Contos de aprendiz* e *A mesa*. O volume *Poemas* é publicado em Madri.
- 1952 Publica *Passeios na ilha* e *Viola de bolso*.
- 1953 Exonera-se do cargo de redator do *Minas Gerais* ao ser estabilizada sua situação de funcionário da DPHAN. Vai a Buenos Aires para o nascimento do seu neto Luis Mauricio. Na capital argentina aparece o volume *Dos poemas*.
- 1954 Publica *Fazendeiro do ar & Poesia até agora*. É publicada sua tradução de *Les Paysans*, de Balzac. A série de palestras “Quase memórias”, em diálogo com Lia Cavalcanti, é veiculada pela Rádio Ministério da Educação. Dá início à série de crônicas “Imagens”, no *Correio da Manhã*, mantida até 1969.
- 1955 Publica *Viola de bolso novamente encordoada*. O livreiro Carlos Ribeiro publica edição fora de comércio do *Soneto da buquinagem*.
- 1956 Publica *Cinquenta poemas escolhidos pelo autor*. Sai sua tradução de *Albertine disparue*, ou *La Fugitive*, de Marcel Proust.
- 1957 Publica *Fala, amendoeira* e *Ciclo*.
- 1958 Uma pequena seleção de seus poemas é publicada na Argentina.
- 1959 Publica *Poemas*. Ganha os palcos a sua tradução de *Doña Rosita la Soltera*, de García Lorca, pela qual recebe o Prêmio Padre Ventura.
- 1960 É publicada a sua tradução de *Oiseaux-Mouches Ornithorynques*

du Brésil, de Descourtiz. Colabora em *Mundo Ilustrado*. Nasce em Buenos Aires seu neto Pedro Augusto.

- 1961 Colabora no programa *Quadrante*, da Rádio Ministério da Educação. Morre seu irmão Altivo.
- 1962 Publica *Lição de coisas*, *Antologia poética* e *A bolsa & a vida*. Aparecem as traduções de *L'Oiseau bleu*, de Maeterlinck, e *Les Fourberies de Scapin*, de Molière, recebendo por esta novamente o Prêmio Padre Ventura. Aposenta-se como chefe de seção da DPHAN, após 35 anos de serviço público.
- 1963 Aparece a sua tradução de *Sult (Fome)*, de Knut Hamsun. Recebe, pelo livro *Lição de coisas*, os prêmios Fernando Chinaglia, da União Brasileira de Escritores, e Luísa Cláudio de Sousa, do PEN Clube do Brasil. Inicia o programa *Cadeira de Balanço*, na Rádio Ministério da Educação.
- 1964 Publicação da *Obra completa*, pela Aguilar. Início das visitas, aos sábados, à biblioteca de Plínio Doyle, evento mais tarde batizado de “Sabadoyle”.
- 1965 Publicação de *Antologia poética* (Portugal); *In the Middle of the Road* (Estados Unidos); *Poesie* (Alemanha). Com Manuel Bandeira, edita *Rio de Janeiro em prosa & verso*. Colabora em *Pulso*.
- 1966 Publicação de *Cadeira de balanço* e de *Natten och Rosen* (Suécia).
- 1967 Publica *Versiprosa*, *José & outros*, *Uma pedra no meio do caminho: biografia de um poema*, *Minas Gerais (Brasil, terra e alma)*, *Mundo, vasto mundo* (Buenos Aires) e *Fyzika Strachu* (Praga).
- 1968 Publica *Boitempo & A falta que ama*.
- 1969 Passa a colaborar no *Jornal do Brasil*. Publica *Reunião* (dez livros de poesia).
- 1970 Publica *Caminhos de João Brandão*.
- 1971 Publica *Seleção em prosa e verso*. Sai em Cuba a edição de *Poemas*.
- 1972 Publica *O poder ultrajovem*. Suas sete décadas de vida são

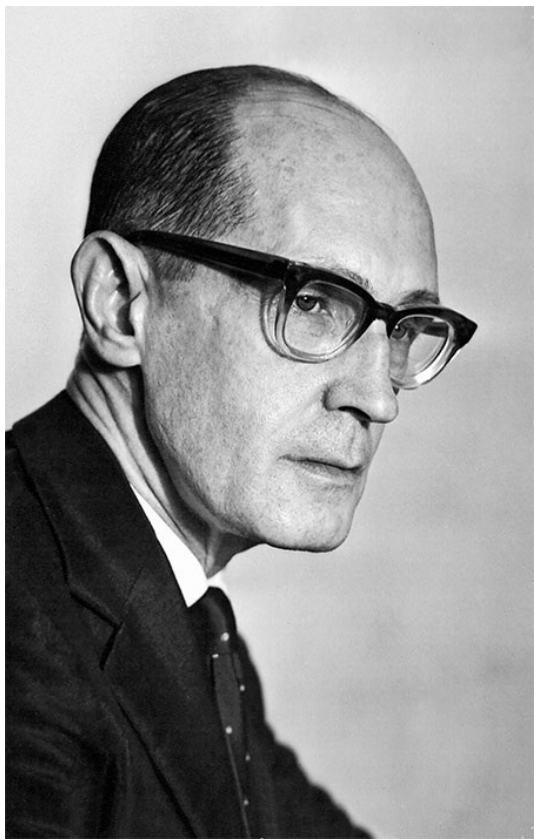
celebradas em suplementos pelos maiores jornais brasileiros.

- 1973 Publica *As impurezas do branco, Menino antigo, La bolsa y la vida* (Buenos Aires) e *Réunion* (Paris).
- 1974 Recebe o Prêmio de Poesia da Associação Paulista de Críticos Literários.
- 1975 Publica *Amor, amores*. Recebe o Prêmio Nacional Walmap de Literatura. Recusa por motivo de consciência o Prêmio Brasília de Literatura, da Fundação Cultural do Distrito Federal.
- 1977 Publica *A visita, Discurso de primavera* e *Os dias lindos*. É publicada na Bulgária uma antologia intitulada *Sentimento do mundo*.
- 1978 A Editora José Olympio publica a segunda edição (corrigida e aumentada) de *Discurso de primavera e algumas sombras*. Publica *O marginal Clorindo Gato e 70 historinhas*, reunião de pequenas histórias selecionadas em seus livros de crônicas. *Amar-Amargo* e *El poder ultrajoven* saem na Argentina. A PolyGram lança dois LPs com 38 poemas lidos pelo autor.
- 1979 Publica *Poesia e prosa*, revista e atualizada, pela Editora Nova Aguilar. Sai também seu livro *Esquecer para lembrar*.
- 1980 Recebe os prêmios Estácio de Sá, de jornalismo, e Morgado Mateus (Portugal), de poesia. Publicação de *A paixão medida, En Rost at Folket* (Suécia), *The Minus Sign* (Estados Unidos), *Poemas* (Holanda) e *Fleur, téléphone et jeune fille...* (França).
- 1981 Publica, em edição fora de comércio, *Contos plausíveis*. Com Ziraldo, lança *O pipoqueiro da esquina*. Sai a edição inglesa de *The Minus Sign*.
- 1982 Aniversário de oitenta anos. A Biblioteca Nacional e a Casa de Rui Barbosa promovem exposições comemorativas. Recebe o título de doutor *honoris causa* pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Publica *A lição do amigo*. Sai no México a edição de *Poemas*.
- 1983 Dedina do Troféu Juca Pato. Publica *Nova reunião* e o infantil *O elefante*.

- 1984 Publica *Boca de luar e Corpo*. Encerra sua carreira de cronista regular após 64 anos dedicados ao jornalismo.
- 1985 Publica *Amar se aprende amando, O observador no escritório, História de dois amores* (infantil) e *Amor, sinal estranho* (edição de arte). Lançamento comercial de *Contos plausíveis*. Publicação de *Fran Oxen Tid* (Suécia).
- 1986 Publica *Tempo, vida, poesia*. Sofrendo de insuficiência cardíaca, passa catorze dias hospitalizado. Edição inglesa de *Travelling in the Family*.
- 1987 É homenageado com o samba-enredo “O reino das palavras”, pela Estação Primeira de Mangueira, que se sagra campeã do Carnaval. No dia 5 de agosto morre sua filha, Maria Julieta, vítima de câncer. Muito abalado, morre em 17 de agosto.

Índice de primeiros versos

Amar um passarinho é coisa louca.
Amor: em teu regaço as formas sonham
Batem as asas? Rosa aberta, a saia
Chamar-te Maíra
Começo a ver no escuro
De uma cidade vulturina
Drls? Faço meu amor em vidrotíl
E assim terei celebrado Sônia Maria
Em certa casa da Rua Cosme Velho
Espírito de Minas, me visita
Esta é a orelha do livro
Mas que coisa é homem
Meu caro Santa Rosa, que cenário
Meu Santo Antônio de Itabira
Meu Santo Antônio do Recife
Não cantarei amores que não tenho
Nesta boca da noite
Ó esplêndida lua, debruçada
O meu amor faísca na medula
Pergunta às árvores da rua
Procurar sem notícia, nos lugares
Que união floral existe
Sorrisos para as mulheres bojudas que passam como cargueiros adernando
Suspendei um momento vossos jogos
Uma semente engravidava a tarde
Vai, Hotel Avenida



*Carlos
de Andrade*

POEMAS DRUMMOND

*Livraria
José Olympio
Editôra*

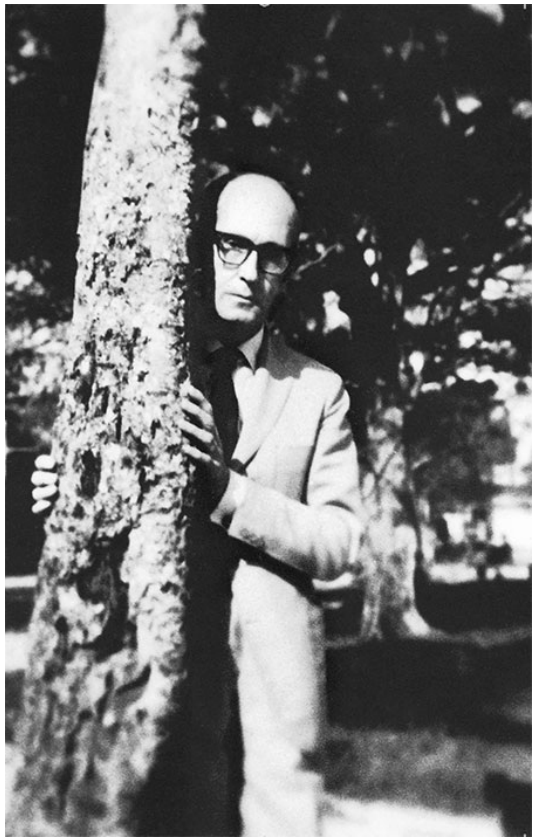
1 Capa de Poemas, José Olympio, 1959.



2 O artista Santa Rosa, morto em 1956, homenageado no poema
“A um morto na Índia”.

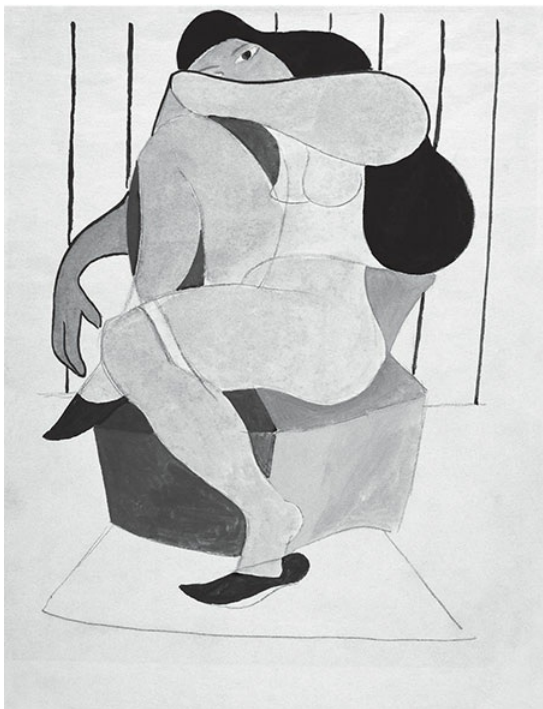


3 O poeta com Marcia Thiré, o escritor Aníbal Machado e Regina Simone Pereira.





5 Autorretrato de Oswaldo Goeldi, lembrado no poema "A Goeldi".



6. Obra de Di Cavalcanti: “Que união floral existe/ entre as mulheres e Di Cavalcanti?”, escreve Drummond no poema “Pacto”.



7 Casa de Machado de Assis no bairro do Cosme Velho, no Rio, mencionada no poema
“A um bruxo, com amor”.

Crédito das imagens

Todos os esforços foram feitos para determinar a origem das imagens deste livro. Nem sempre isso foi possível. Teremos prazer em creditar as fontes, caso se manifestem.

Retrato de Carlos Drummond de Andrade.
Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa/
Arquivo Museu de Literatura Brasileira.
Fundo Carlos Drummond de Andrade.
Reprodução de Ailton Alexandre da Silva.

1.
Acervo Decio de Almeida Prado/ Instituto Moreira Salles.

2.
DR/ Santa Rosa

3. e 4.
Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa/
Arquivo Museu de Literatura Brasileira.
Fundo Carlos Drummond de Andrade.
Reprodução de Ailton Alexandre da Silva.

5.
Associação Artística Cultural Oswaldo Goeldi

6.
DR/ Di Cavalcanti/ Museu de Arte Contemporânea
da Universidade de São Paulo — MAC/USP

Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond
www.carlosdrummond.com.br

Grafia atualizada segundo o Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

warrakloureiro

sobre *Faixas ritmadas*, 1958,

de Ivan Serpa, óleo sobre tela, 97 x 130 cm.

Museu de Arte Contemporânea de Niterói.

Coleção de João Sattamini.

Reprodução de Jaime Acioli.

PESQUISA ICONOGRÁFICA

Regina Souza Vieira

ESTABELECIMENTO DE TEXTO

Júlio Castañon Guimarães (Casa de Rui Barbosa)

REVISÃO FINAL

Antonio Carlos Secchin

PREPARAÇÃO

Jaime Azenha

REVISÃO

Huendel Viana

Ana Maria Barbosa

ISBN 978-85-8086-822-7

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br